



# CÂNCER DE MAMA, ALOPECIA E GÊNERO: O CORPO FEMININO EM RECONSTRUÇÃO



**Rosi Santos Pestana Rodrigues<sup>1</sup>; Larissa Gomes<sup>2</sup>; Jeovani Machado Rodrigues<sup>3,A</sup>,  
Adelson Pereira dos Santos Júnior<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>Aluna do Curso de Estética e Cosmética - CEST

<sup>2</sup>Aluna do Curso de Estética e Cosmética - CEST

<sup>3</sup>Aluno do Doutorado em Meio Ambiente - CEUMA

<sup>4</sup>Professor do Curso de Estética e Cosmética da CEST

## RESUMO

O presente artigo analisa o impacto da alopecia induzida por quimioterapia sobre a autoimagem e a identidade de mulheres com câncer de mama, sob uma perspectiva sociocultural e de gênero. A pesquisa caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e descritiva, baseada em publicações nacionais e internacionais entre 2015 e 2025, consultadas nas bases SciELO, PubMed, ScienceDirect, BVS e Google Scholar. Os resultados apontam que a perda capilar ultrapassa o campo fisiológico, afetando profundamente a construção simbólica da feminilidade e a percepção do corpo como espaço social. A alopecia emerge como um fenômeno de vulnerabilidade, mas também de resistência e reconstrução identitária, revelando que o corpo adoecido pode se transformar em território de empoderamento. Conclui-se que compreender a experiência da alopecia requer uma abordagem interdisciplinar e humanizada, que integre aspectos físicos, psicológicos e simbólicos no cuidado oncológico.

**Palavras-chave:** câncer de mama; alopecia; gênero; corpo feminino.

## ABSTRACT

This article analyzes the impact of chemotherapy-induced alopecia on the self-image and identity of women with breast cancer, from a sociocultural and gender perspective. The study is characterized as an integrative literature review with a qualitative and descriptive approach, based on national and international publications from 2015 to 2025, retrieved from SciELO, PubMed, ScienceDirect, BVS, and Google Scholar databases. Results indicate that hair loss transcends the physiological domain, deeply affecting the symbolic construction of femininity and the perception of the body as a social space. Alopecia emerges as a phenomenon of vulnerability but also of resistance and identity reconstruction, revealing that the diseased body can become a territory of empowerment. It is concluded that understanding alopecia requires an interdisciplinary and humanized approach, integrating physical, psychological, and symbolic aspects in oncological care.

**Keywords:** breast cancer; alopecia; gender; female body.

<sup>A</sup>Autor correspondente: Jeovani Machado Rodrigues – E-mail: jeovani9@gmail.com – ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2875-8550>

## INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma das principais causas de morbimortalidade entre mulheres em todo o mundo, representando não apenas uma enfermidade física, mas uma experiência existencial de ruptura e reconstrução. A doença, ao atingir o corpo feminino, atravessa fronteiras biológicas e adentra esferas simbólicas, sociais e culturais que se expressam especialmente na forma como a mulher percebe a si mesma e é percebida pelo outro (OLIVEIRA et al., 2024; REIS; GRADIM, 2018). Dentre os efeitos adversos do tratamento quimioterápico, a alopecia destaca-se como um fenômeno singular, por interferir diretamente na identidade e na imagem corporal feminina (DANTAS, 2018; TAVARES; SOUZA et al., 2017). Compreender o impacto da alopecia sob o enfoque do gênero é fundamental, pois as representações do corpo feminino são moldadas por discursos históricos e normativos que definem padrões de beleza, saúde e identidade (FOUCAULT, 1979; BEAUVOIR, 1949).

## METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de caráter descritivo e qualitativo, cujo objetivo foi identificar e analisar produções científicas nacionais e internacionais sobre a alopecia induzida por quimioterapia em mulheres com câncer de mama, enfatizando os impactos psicossociais, simbólicos e de gênero. As buscas foram realizadas nas bases de dados SciELO, PubMed, ScienceDirect, BVS e Google Scholar, entre março e setembro de 2025. Foram utilizados os descritores: 'câncer de mama', 'alopecia', 'gênero', 'imagem corporal' e 'corpo feminino'. O período de busca compreendeu publicações de 2015 a 2025, em português, inglês e espanhol. Foram incluídos artigos originais, revisões sistemáticas e integrativas, estudos qualitativos e relatos de caso que abordassem a temática. A seleção seguiu as etapas do protocolo PRISMA adaptado. Após leitura crítica e interpretativa, os artigos foram organizados em quatro eixos temáticos: (1) câncer: aspectos gerais; (2) câncer de mama e suas implicações biopsicossociais; (3) corpo, feminilidade e identidade; e (4) alopecia e o estigma da aparência.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### O câncer: aspectos gerais

O câncer é uma patologia de natureza multifatorial, caracterizada pela proliferação desordenada de células anormais que podem invadir tecidos e órgãos (INCA, 2024). Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), é uma das principais causas de mortalidade global, com mais de 10 milhões de óbitos por ano. A experiência do câncer transcende a dimensão biomédica, atingindo o campo psicossocial e cultural. Capra (1997) observa que o adoecimento grave rompe a biografia do sujeito, impondo um processo de ressignificação da existência e da percepção do corpo. Assim, o câncer é vivenciado como um evento que desafia

não apenas a fisiologia, mas também a identidade.

### O câncer de mama e suas implicações biopsicossociais

O câncer de mama é a neoplasia mais prevalente entre mulheres e representa um desafio à saúde pública global (INCA, 2024). Além de seus aspectos clínicos, possui um impacto simbólico profundo, pois afeta um órgão fortemente associado à feminilidade, à sexualidade e à maternidade (SANTOS; LIMA, 2022). Segundo Oliveira et al. (2024), as intervenções terapêuticas – cirurgias, quimioterapia e radioterapia – produzem transformações corporais e emocionais que abalam a autoimagem e a identidade feminina. Nunes et al. (2023) destacam que a mulher com câncer de mama enfrenta um processo de desestabilização identitária, em que a doença e o tratamento se tornam elementos visíveis de uma nova condição existencial.

### Corpo, feminilidade e identidade

O corpo feminino, historicamente, foi disciplinado por normas culturais e médicas que o colocaram como símbolo de beleza e pureza. Foucault (1979) analisa o corpo como território de poder, enquanto Beauvoir (1949) enfatiza que 'não se nasce mulher, torna-se mulher', indicando que a feminilidade é uma construção social. Le Breton (2009) compreende o corpo como uma linguagem, e cada transformação imposta pela doença ressignifica a experiência do ser. Goffman (1988), ao discutir o estigma, revela como marcas corporais alteram a interação social e a percepção de si. Desse modo, o corpo feminino em tratamento oncológico torna-se um campo de luta simbólica, onde as normas de beleza e saúde são tensionadas e reconstruídas.

### A alopecia e o estigma da aparência

A alopecia induzida por quimioterapia é um dos efeitos adversos mais temidos do tratamento do câncer de mama, pois transforma a aparência de forma abrupta e visível (REIS; GRADIM, 2018; DANTAS, 2018). Para Nunes et al. (2023), a perda capilar afeta profundamente a autoestima, levando muitas mulheres a evitarem o convívio social. Beltrão, Silveira e Silva (2025) observam que, em mulheres negras, o impacto é ainda mais significativo, pois o cabelo é também um marcador étnico e cultural. Contudo, Tavares e Souza et al. (2017) e Pereira et al. (2024) mostram que a alopecia também pode desencadear um processo de ressignificação, em que lenços e perucas tornam-se símbolos de resistência e reconstrução. O corpo, nesse contexto, deixa de ser apenas o local da dor para tornar-se o espaço da criação e da potência feminina.

## DISCUSSÃO

A alopecia decorrente do tratamento quimioterápico representa, simultaneamente, uma agressão à integridade física e simbólica da mulher, ao mesmo tempo em que mobiliza processos

de resistência e reconstrução identitária. De acordo com Reis e Gradim (2018), a queda capilar é vivenciada como um marco da doença, tornando-se o primeiro sinal visível da luta contra o câncer. Tal visibilidade pública impõe à mulher uma experiência de vulnerabilidade, pois a doença deixa de ser íntima e passa a ser inscrita no corpo e lida socialmente como sinal de fragilidade. Esse processo, segundo Le Breton (2009), provoca uma ruptura entre o corpo biográfico e o corpo social, desafiando a mulher a reconstruir seu sentido de identidade a partir da transformação imposta. A alopecia, assim, é mais do que um efeito colateral — é uma experiência de exposição e de reconfiguração subjetiva diante da norma estética e moral vigente.

O impacto da alopecia sobre a imagem feminina é mediado pelas normas culturais de beleza e gênero. Conforme Butler (1990), a feminilidade é performativa, construída pela repetição de atos e símbolos socialmente aceitos. O cabelo, nesse contexto, funciona como um marcador de pertencimento e de identidade. Sua ausência pode representar não apenas a perda de uma característica estética, mas a ruptura com um ideal de mulher saudável, bela e desejável. Em concordância, Le Breton (2009) argumenta que o corpo, enquanto linguagem simbólica, traduz significados culturais que determinam a forma como o sujeito é reconhecido ou rejeitado. Assim, a mulher em tratamento oncológico vivencia uma tensão constante entre o desejo de manter-se fiel ao ideal de feminilidade e a necessidade de ressignificar sua imagem diante da transformação corporal. Essa dialética entre perda e criação torna a alopecia um fenômeno de profunda densidade simbólica.

Além do sofrimento psíquico, estudos como os de Nunes et al. (2023) e Oliveira et al. (2024) revelam que a alopecia interfere nas relações sociais e afetivas, gerando retraimento, isolamento e sentimentos de inadequação. A perda do cabelo torna-se uma metáfora de perda de controle, identidade e reconhecimento. No entanto, Dantas (2018) e Tavares e Souza et al. (2017) destacam que essa mesma experiência pode ser transformadora quando acompanhada de apoio emocional e de intervenções terapêuticas integradas. A solidariedade de familiares e grupos de apoio, bem como o acesso a espaços de escuta sensível, favorecem o processo de aceitação e ressignificação da imagem corporal. Dessa forma, o enfrentamento da alopecia não se limita à dimensão estética, mas constitui um campo de reconstrução simbólica, em que o sofrimento dá lugar à possibilidade de autonomia e empoderamento.

Outro aspecto relevante é o papel das representações sociais na perpetuação do estigma. Segundo Goffman (1988), o estigma não é uma característica intrínseca do sujeito, mas uma construção relacional que emerge das interações e dos julgamentos sociais. A mulher com alopecia, portanto, torna-se portadora de uma “diferença visível” que a separa da norma e a coloca em posição de vulnerabilidade simbólica. Beltrão, Silveira e Silva (2025) demonstram que essa experiência é ainda mais intensa em mulheres negras, para as quais o cabelo é também um símbolo étnico-político. O modo como a sociedade interpreta o corpo doente, sem cabelos, reforça o olhar patologizante e a

perda de agência. Entretanto, quando as mulheres escolhem não esconder a cabeça ou transformar os lenços e turbantes em instrumentos de estilo e afirmação, ocorre um deslocamento semântico: o corpo deixa de ser marca de fragilidade e torna-se emblema de força e resistência.

Do ponto de vista simbólico, a alopecia desafia o mito da feminilidade perfeita e do corpo intocado. Foucault (1979) descreve o corpo como alvo das tecnologias de poder que disciplinam e normatizam a aparência. O câncer e seus efeitos, portanto, desestabilizam essa lógica de controle, revelando o corpo real — imperfeito, vulnerável e humano. A mulher em tratamento, ao lidar com a queda dos cabelos, é confrontada com a finitude e com a efemeridade da beleza, mas também encontra nesse processo a possibilidade de autoconhecimento e liberdade. A ausência de cabelos pode simbolizar um luto, mas também um renascimento. Nessa perspectiva, a alopecia é reinterpretada não como sinal de perda, mas como expressão da potência de reconstrução que o sofrimento é capaz de despertar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão integrativa apresentada demonstra que o câncer de mama e a alopecia são experiências interligadas que ultrapassam a dimensão médica, alcançando o campo das identidades e das representações sociais. O corpo feminino, ao ser modificado pela doença e pelo tratamento, converte-se em espaço de conflito entre a norma e a diferença, entre o sofrimento e a resistência.

Os estudos analisados evidenciam que a perda dos cabelos constitui um evento biográfico profundo, capaz de desorganizar a autoimagem e o senso de identidade, mas também de promover a ressignificação da feminilidade. A mulher, diante do espelho e do olhar do outro, negocia com seus medos e reconstrói um novo modo de existir. Esse processo é permeado por dor, mas também por potência — uma potência que se manifesta na capacidade de criar beleza e significado mesmo em meio à adversidade.

Compreender o impacto da alopecia a partir das categorias de gênero, corpo e identidade permite propor intervenções mais sensíveis no campo da saúde. A atuação de equipes multiprofissionais, com enfoque humanizado e psicossocial, é essencial para auxiliar a mulher na reconstrução de sua autoimagem e de sua confiança. A pesquisa também reforça a necessidade de políticas públicas voltadas ao cuidado integral, que reconheçam o sofrimento estético como parte do processo terapêutico.

Por fim, reafirma-se que o corpo feminino em reconstrução é um símbolo de resistência. Ao perder os cabelos, muitas mulheres descobrem novas formas de expressar sua identidade e de redefinir a beleza. A alopecia, portanto, longe de representar apenas perda, torna-se metáfora de renascimento e de empoderamento feminino.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BELTRÃO, A. S.; SILVEIRA, M. T.; SILVA, E. C. A alopecia em mulheres negras: estigma, identidade e resistência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 78, n. 3, p. 214–223, 2025.

BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1997.

DANTAS, M. R. Impactos psicossociais da alopecia em mulheres submetidas à quimioterapia. *Revista de Saúde e Sociedade*, v. 27, n. 4, p. 1221–1233, 2018.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1979.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2009.

NUNES, P. L. et al. Corpo, autoimagem e feminilidade na mulher com câncer de mama. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 69, n. 1, p. 34–45, 2023.

OLIVEIRA, C. R. et al. Câncer de mama e reconstrução identitária feminina: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 77, n. 2, p. 1–10, 2024.

PEREIRA, J. F. et al. Ressignificação simbólica do corpo feminino na oncologia. *Revista Saúde e Sociedade*, v. 33, n. 1, p. 98–111, 2024.

REIS, C. F.; GRADIM, C. V. A. Imagem corporal e autoestima em mulheres com câncer de mama. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 26, e3023, 2018.

SANTOS, L. P.; LIMA, V. M. Feminilidade e doença: percepções simbólicas sobre o câncer de mama. *Revista de Psicologia e Saúde*, v. 14, n. 2, p. 58–69, 2022.

TAVARES, D. R.; SOUZA, G. F. et al. A experiência estética e emocional da alopecia. *Psicologia & Sociedade*, v. 29, n. 1, p. 1–9, 2017.

INCA – Instituto Nacional de Câncer. *Estimativas 2024: incidência de câncer no Brasil*. Rio de Janeiro: INCA, 2024.

OMS – Organização Mundial da Saúde. *Global Cancer Observatory 2023*. Geneva: WHO, 2023.